

FCPF MAGAZINE

revista de acompanhamento ao jogo

1000

CENTÉSIMA EDIÇÃO

JORNADA 27

FC PAÇOS DE FERREIRA X UD OLIVEIRENSE

SEXTA-FEIRA, 29 MARÇO 2024, 14:00

EDITORIAL

Eis-nos chegados à edição nº 100 da «FCPF «Magazine». Entre 12 de agosto de 2018 e 29 de março de 2024 muitas foram as histórias que por aqui passaram, muitos foram os feitos celebrados e alguns os receios abordados. É esta amplitude de acontecimentos que faz o dia a dia de um clube histórico como o FC Paços de Ferreira. Ao longo de quase seis anos de publicação temos sido o veículo privilegiado no contato com os adeptos que se deslocam à Mata Real para apoiar o Paços. É um projeto audaz que não só se tem mantido como elevado a sua qualidade de comunicação, fruto de uma equipa de trabalho muito competente no que faz e que acrescenta a qualidade única de o fazer com paixão pelo Clube que representa.

A toda a equipa que trabalha para deixarmos na história esta vivência do Clube o nosso agradecimento, em especial à PaçoPrint – Artes Gráficas, que desde a primeira hora assegura a pontual impressão da revista.

Para assinalarmos a centésima edição era inevitável escolhermos para destaque a figura máxima da direção do Clube. A entrevista com o presidente Paulo Meneses acontece a menos de uma semana de mais uma importante Assembleia Geral de associados. Sem revelar tudo o que espera apresentar no dia 3 de abril, Paulo Meneses fez um primeiro balanço da época desportiva, reconhecendo que “embora os objetivos de lutar pela subida não tenham sido conseguidos, é uma época que está dentro daquilo que são as limitações atuais do Clube”.

Isso reporta-nos para a equipa profissional, que está a viver talvez o seu melhor momento desportivo da temporada, somando três vitórias e dois empates nos últimos cinco jogos disputados. Esta é uma média claramente de equipa que luta pelos lugares cimeiros da classificação, pelo que não tivesse sido o arranque aos soluços na prova e a esta hora poderíamos estar com outras expetativas para os oito jogos que faltam concluir na Liga.

De qualquer forma, o Paços tem sempre como único objetivo a vitória e assim será esta tarde, frente à UD Oliveirense. O sétimo lugar da classificação é pouco para o que o Paços tem apresentado e é bem possível trepar mais alguns lugares na prova. Nesta sexta-feira de Páscoa, os adeptos querem três pontos de folgar, e os jogadores certamente também os desejam.

O incremento qualitativo dos resultados da equipa tem tido correspondência na prestação individual dos atletas. Não é, pois, de estranhar que também eles tenham sido premiados pelo seu desempenho. O central Pedro Ganchas foi distinguido com o prémio de «Melhor Jovem de Fevereiro» pelo Sindicato dos Jogadores, enquanto o latera-direito Jójó foi chamado pela segunda vez à seleção de Cabo Verde e teve a oportunidade de se estrear em representação do seu país. Dois bons exemplos que destacamos nesta edição.

Feliz Páscoa para todos os pacenses!

PAULO GONÇALVES

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 100 - MARÇO 2024

TEXTOS: SARA ALVES | FOTOS: TELMO MENDES E ZEROZERO.PT | DESIGN: RUI ABREU
IMPRESSÃO: PAÇOPRINT | TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

DR. PAULO MENESES

«A pior das irresponsabilidades será ficar quieto e não ter os sócios a par da verdade e da vida do clube»

A poucos dias de uma nova Assembleia Geral, Paulo Meneses, presidente do FC Paços de Ferreira, abordou alguns dos assuntos que serão debatidos. Em entrevista, o líder pacense focou ainda a situação atual do clube, destacando as dificuldades encontradas ao longo da presente temporada, e abrindo já espaço para balanços – assumindo que esta é uma época de objetivos não cumpridos. O presente e o futuro do FC Paços de Ferreira em análise de forma transparente na edição 100 da FCPF Magazine.

Desportivamente, o Paços atravessa o seu período mais positivo de 2023/2024, com cinco jogos consecutivos sem perder. Como é que avalia o caminho do clube ao longo desta época?

Em primeiro lugar, há que assumir claramente que esta é uma época que está aquém daquilo que seriam as minhas expectativas, mas é uma época que está dentro daquilo que são as limitações do clube. Não há dúvida absolutamente nenhuma de que eu tinha expectativas – penso que tal como os sócios – de podermos estar neste momento a lutar por uma posição que nos permitisse regressar à Primeira Liga, mas a verdade é que com o decurso do campeonato percebemos que as dificuldades seriam até superiores àquilo que eu antevia, em relação a esta época. Nada nos pode servir de desculpa, porque acho que temos um plantel capaz de poder ter feito melhor, dentro daquilo que são as nossas possibilidades e dentro daquilo que é a nossa realidade – e o momento atual reflete isso mesmo. A equipa parece que se encontrou e que está agora no caminho que deveríamos ter alcançado mais cedo. Se tivéssemos alcançado mais cedo, mesmo com as limitações e as dificuldades, e com o plantel que temos, que me parece ter qualidade e as pessoas começam a reconhecer que tem, podíamos estar neste momento numa posição que nos deixasse a todos mais felizes – e a mim em particular.

Podemos, então, dizer que a consistência que se está a verificar agora foi aquilo que faltou no arranque da temporada?

Este plantel sofreu uma grande reestruturação do final da época passada para esta. E isso também faz com que estabilizar uma equipa leve o seu tempo – temos de ser corretos e honestos na análise. Acho, no entanto, que a equipa devia ter estabilizado e poderia ter estabilizado um pouco mais cedo. E isso, penso, iria permitir-nos estar neste momento numa posição um pouco diferente. Repare-se que, desde o início da época até hoje, o Paços de Ferreira nunca teve um jogo em que fosse amplamente dominado e em que tivesse um resultado que nos pudesse envergonhar. Não estou a falar de derrota ou de vitória, mas em termos de desnível do resultado. O que significa que o Paços de Ferreira esteve sempre muito perto de pontuar, mesmo quando não pontuou – e noutros momentos em que até pontuou [empates], esteve perto de poder ganhar. Mas, como disse, nada disto pode servir de desculpa. Tem, sim, de fazer parte de uma reflexão que nos faça perceber e nos permita encarar esta reta não como um objetivo que tenha sido traçado no início [o da estabilidade na Segunda Liga], mas como algo que nos faça olhar para o futuro e perceber que há muito trabalho ainda a fazer e que esse trabalho tem de ser feito e tem de dar resultados o mais rápido possível. Porventura, essa reflexão já foi feita, e por isso é que neste momento as coisas estão um bocadinho mais



consistentes.

Apesar de o objetivo da temporada não ser alcançado, o facto de a equipa estar agora mais estabilizada traz-lhe algum conforto, digamos assim, para aquilo que será o próximo ano?

Se tivermos a capacidade de manter a estrutura da equipa – e quando digo capacidade não é só pelo querer, mas também pela capacidade económica –, obviamente que isso nos vai permitir encarar a próxima época com algum otimismo. Mas eu acho que muitas equipas este ano tinham a expectativa de poderem estar a lutar, neste momento, por patamares superiores, e estão também elas próprias em momentos de reflexão para perceberem – digo eu – aquilo que se passou para que não tenham conseguido. Num campeonato extremamente competitivo, acho que há quatro equipas que se perfilam para os três primeiros lugares, indiscutivelmente, mas há na parte final da tabela muitas outras que podem cair na zona de play-off. E essa é uma zona da qual o Paços de Ferreira está, à partida, a salvo. Isto revela competitividade, apesar de haver no fundo e no topo da tabela alguma homogeneidade entre meia dúzia de equipas. A verdade é que nada no futebol permite ter tranquilidade, porque o futebol depende, como costume dizer, de cinco centímetros: cinco centímetros e a bola bate no poste para a esquerda e entra, cinco centímetros e a bola bate no poste para a direita e sai. Isso são coisas que não controlamos, e já tivemos jogos este ano onde tivemos vitórias com a sorte à mistura, mas também tivemos derrotas com muito azar à mistura. E este fator sorte/azar consegue-se mitigar pela competência, mas vai sempre fazer parte do futebol.

E esta época houve uma fase em que esse fator dos cinco centímetros parece ter pesado...

Eu acho que pesou muito. E pesa também de uma outra forma, que é internamente, no grupo – quando fazemos jogos como fizemos em casa contra o Mafra ou contra o Benfica B, e saímos com um sentimento de frustração, de revolta. Se, por um lado, a revolta é positiva, por outro lado, se se mantiver durante muito tempo este sentimento de injustiça, também pode trazer cargas negativas e bloqueios a todos nós – inclusive aos próprios adeptos, que acham que, apesar de estarmos a fazer bons jogos, o resultado poderá não ser o melhor. É minha forte convicção que, em termos de futebol jogado, o Paços de Ferreira é garantidamente uma das equipas que melhor joga na Segunda Liga. Faltar-nos-á, mesmo em termos de plantel, soluções, porventura, para decidir jogos – e eu admito que haja, não obstante o

esforço de todos aqueles que cá estão. E isso é desde logo um erro na construção do plantel que agora se consegue perceber, mas que na altura da construção não era visível. Os visionários dirão que já sabiam desde o início, mas isso é o que o futebol será sempre... Falar à posteriori e 'adivinhar depois' será sempre mais fácil.

“NO FUTEBOL ATUAL, AS ARMAS SÃO COMPLETAMENTE DIFERENTES PARA CLUBES DA NATUREZA DO PAÇOS DE FERREIRA, EM COMPARAÇÃO COM CLUBES DE OUTRA NATUREZA EM TERMOS DE MODELO DE SOCIEDADE, MAS TAMBÉM DE CAPACIDADE ECONÓMICA”

A Segunda Liga apresenta hoje uma realidade muito diferente da que se viveu em 2018/2019 – seja pela qualidade dos clubes, seja pelas questões financeiras?

Muito diferente. Em primeiro lugar, em 2018/2019 tínhamos jogadores com contrato e tivemos a capacidade financeira para os manter ao nosso serviço. Isso permitiu que tivéssemos uma estrutura de uma equipa que nos desse garantias, à partida, de podermos sonhar como sonhamos. Não fizemos um passeio, foi fruto de esforço e muita competência, mas era mais garantido, diria eu, que pudéssemos subir à Primeira Liga no ano imediatamente a seguir. Este ano, como disse há pouco, a nossa equipa sofreu uma reestruturação enorme, e, na minha opinião, desde o início o grau de dificuldade era maior. Mas também, hoje, depois de decorridas tantas jornadas, não tenho dúvidas em afirmar que a competitividade e o número de equipas que se prepararam para a subida à Primeira Liga eram enormes. Basta ver o cenário atual e perceber, por comparação com 2018/2019, quem eram as equipas que se perfilavam na altura. Sabíamos que estava a emergir o Famalicão, mas o Paços de Ferreira e pouco mais eram as equipas que podiam aspirar legitimamente a uma subida. E foi o que aconteceu. Não havia tanta competitividade nem tantos candidatos como este ano. No início deste campeonato, comecei a perceber, pelos discursos dos responsáveis dos clubes, que apenas um ou dois não assumia claramente a subida de divisão. Posso falar do Penafiel, do Belenenses, mas de todos os outros eu ouvia, de forma direta ou indireta, o desejo de transformar esta época numa época de subida. O Paços de Ferreira também o assumiu. É, claramente, uma época de objetivos não conseguidos. É, claramente, uma época onde o presidente é responsável, e sempre fui responsável por aquilo que foi o insucesso desportivo – o mesmo presidente que em 2019 teve a capacidade de poder gerir e de fazer escolhas que nos levaram a um regresso

100metros



“Enquanto tivermos organismos em Portugal que não se preocupem com a sustentabilidade do futebol e permitam que de toda a forma haja concorrência desleal, nós temos de ter a consciência de que o Paços de Ferreira não terá condições, porque entre as receitas e as despesas o défice mensal é enorme”

como campeões à Primeira Liga.

Não querendo focar apenas naquilo que já referiu – as questões financeiras, a capacidade que o Paços tem ou não de segurar jogadores e de contratar – com que linhas é que o Paços “se coseu” para preparar esta temporada?

O Paços escolheu uma equipa técnica muito antes do início do campeonato, e contratou vários jogadores de divisões inferiores àquela em que estava na altura em que escolheu essa equipa técnica. O Paços tem vindo a revelar ao longo desta época que fez escolhas acertadas e teve critérios assertivos, mas também teve critérios que não podem ser dissociados da questão financeira. Acho que não podemos centrar a questão financeira, porque, efetivamente, os sacos de dinheiro não fazem golos – mas ajudam imenso a escolher quem os faz ou quem constrói as jogadas para a bola entrar. E, hoje, eu não consigo dissociar no futebol a questão financeira da questão desportiva. Sei que há situações em que os clubes têm a capacidade financeira e desportivamente também não funcionam – e não me compete a mim perceber as razões –, mas não consigo, por uma questão de honestidade intelectual, dissociar. No futebol atual, as armas são completamente diferentes para clubes da natureza do Paços de Ferreira, em comparação com clubes de outra natureza em termos de modelo de sociedade, mas também de capacidade económica – que se reflete necessariamente. Eu convido a refletir sobre uma questão: quais são os clubes que estão, neste momento, em posição de sonhar e concretizar o sonho de subir à Primeira Liga? Vejam-se os investimentos, veja-se a capacidade, veja-se o modelo de gestão – que tem muitas virtudes e muitos defeitos, garantidamente. Mas cada clube fará as suas escolhas e terá necessariamente de assumir as consequências das escolhas que faz.

Como referiu e todos o sabem, o Paços contratou jogadores em escalões inferiores. Mas diria que até contratar nos escalões inferiores começa a ficar cada vez mais difícil?

Nós só conseguimos contratar em escalões inferiores se formos mais proativos e se chegarmos mais cedo, antes da cobiça propriamente dita. Se tivermos a possibilidade de escolher um jogador de divisão inferior, mas tivermos de disputar essa contratação com qualquer outro clube da Segunda Liga, o Paços de Ferreira não vai ter hipótese de contratar. E isso aconteceu no mercado de janeiro. Tivemos praticamente fechado um jogador apetecível para todos os clubes da Segunda Liga, a quem oferecemos um determinado montante, que era o limite possível para sermos cumpridores para o resto da época, e esse jogador acabou por assinar por um candidato à subida por um valor superior ao triplo e recebendo um prémio de assinatura. Isto representa bem aquilo que são as diferenças. Portanto, quando tivermos de disputar – e já assim era na Primeira Liga – algum jogador com outro clube, vamos sair sempre a perder. O que eu acho é que o Paços de Ferreira mantém intactos alguns critérios que também são decisivos para jogadores que pretendem ascender sustentadamente nas suas carreiras: as nossas condições, a nossa honestidade, o nosso cumprimento. E isso vai fazendo com que jogadores queiram, ainda assim, vir para cá.

E como está o clube – e não apenas o futebol profissional – neste momento?

O clube está necessariamente, como tem sido apanágio dos últimos anos, em dificuldades de gestão, mas em cumprimento naquilo que é o essencial. Historicamente, o Paços de

LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

Ferreira nunca viveu momentos de desafogo financeiro. Diria mesmo que no mês de outubro as coisas estavam muito más, no mês de dezembro as coisas melhoraram; voltaram a piorar em janeiro, melhoraram em fevereiro e pioraram em março. Ou seja, a dificuldade é exatamente esta: gerir o dia-a-dia e tentarmos reinventar a cada dia para encontrar soluções para a sustentabilidade do clube.

“TIVEMOS MUITAS PROPOSTAS, E TODAS AS INFORMAÇÕES SERÃO TRANSMITIDAS NO DIA 3 DE ABRIL”

Na última entrevista dada à FCPF Magazine, no início da época transata, o presidente falou também das dificuldades/adversidades que o clube enfrentava. Disse que chegaria a altura em que iria falar com os sócios sobre os modelos de gestão. Essa altura, de certo modo, já chegou.

Deixe-me dizer-lhe mais: antes das eleições de 11 de maio de 2023, precisamente no dia 10, fiz uma sessão de esclarecimento ainda como candidato a presidente da Direção, onde, claramente, fiz questão de dizer aos sócios que teriam de repensar o modelo de gestão atual. Não disse, em momento algum, que o Paços de Ferreira deveria ser SAD no sentido de perder a sua autonomia – é preciso ter muito cuidado e as pessoas já conhecem perfeitamente a minha opinião pública e reiterada sobre essa matéria. Mas cumprindo esse mesmo compromisso – porque as pessoas esqueceram-se que vinha antes das últimas eleições – em outubro passado fiz questão de levar a uma Assembleia Geral um pedido de legitimação da Direção para que pudesse ouvir parceiros que pudessem querer cooperar com o FC Paços de Ferreira. Era apenas e só uma legitimação, porque havia a necessidade, depois, de poder fornecer alguns elementos que pudessem estar ao abrigo do sigilo do próprio clube, e eu não poderia fazê-lo sem que estivesse legitimado para o efeito. Essa proposta foi aprovada numa Assembleia Geral que eu diria que foi a mais concorrida de sempre deste clube – e foi a primeira depois de uma descida de divisão e numa altura em que o Paços de Ferreira estava em penúltimo lugar no campeonato. Entretanto, o tempo passou-se, mas eu tentarei sempre cumprir com aquilo que são as minhas responsabilidades. Por minha vontade, a Assembleia marcada para 3 de abril já teria acontecido em janeiro ou fevereiro, mas não foi possível, porque havia calendários a cumprir com pessoas com quem tínhamos mantido contactos e que obrigaram ao adiamento temporário. Nessa Assembleia, cumprirei com o compromisso assumido e transmitirei aos

sócios as informações, os contactos e as propostas recolhidos, para que eles estejam perfeitamente a par e para que sintam que a ida à Assembleia em outubro tinha um objetivo e esse objetivo é agora partilhado. Dia 3 de abril, os sócios não serão convidados – pelo menos por parte da Direção – a votar rigorosamente nada quanto ao futuro do FC Paços de Ferreira. Não foi a isso que me propus desde sempre, ao contrário da ideia criada por muita gente de que na própria Assembleia em outubro alguém ia votar sobre o destino e o futuro do FC Paços de Ferreira. Não foi essa a intenção da Direção em outubro e não será essa a intenção no dia 3 de abril. Mas não deixa de ser verdade que os sócios deverão, eventualmente, manifestar-se sobre aquilo que acham que é o seu modelo de gestão em termos de sociedade desportiva. Não será nessa oportunidade, mas será quando esta Direção entender ou pedir a convocação de uma Assembleia, ou quando os próprios sócios com legitimidade o quiserem fazer também. Portanto, acho que isto é algo que tem de ser feito, porque a pior das irresponsabilidades será ficar quieto e não ter os sócios a par de tudo o que é a verdade e a vida do clube. É isso que tentarei fazer mais uma vez no dia 3 de abril.

Sem querer entrar em detalhes, porque isso são assuntos que devem ser tratados em Assembleia Geral, mas, depois da legitimação ter sido tornada pública, chegaram muitas propostas?

Em outubro, já tínhamos tido várias abordagens e não havia nenhuma legitimação. Foi por haver abordagens que entendi que tinha de haver legitimação, porque eu não quero nunca fazer contactos com quem quer que seja sem que os sócios saibam abertamente. Não quero ter de andar escondido a fazer esses contactos. Não acho que seja honesto, e não me perdoaria a mim próprio, nem os sócios me perdoariam, se o fizesse. Obviamente, a partir do momento em que se tornou pública esta possível abertura a uma parceria, nós fomos contactados por muitas pessoas enquanto representantes de entidades para que pudéssemos, aí sim, manifestar aquilo que era um modelo de gestão preconizado pelos sócios. Tivemos muitas propostas, e todas as informações serão transmitidas no dia 3 de abril. Algumas delas poder-se-ão encaixar aproximadamente naquilo que era o modelo aprovado previamente para auscultação; outras eu não posso deixar de as ouvir, a partir do momento em que nos são apresentadas – e, portanto, terei de as transmitir. Farei isso de uma forma clara aos sócios para que se mantenham apenas e só informados; para que possam questionar sobre um ou outro modelo ou entidade; para que depois, no futuro – e esse



BRITO

FABRICO DE MOBILIÁRIO DESDE 1972

futuro tem de ser próximo – se possam pronunciar. Porque aí haverá que tomar decisões, e as decisões terão de ter o sentido de responsabilidade de percebermos até que ponto é que nós somos competitivos; até que ponto nós nos podemos continuar a manter competitivos: ou a militar nesta liga, ou numa liga superior ou correndo o risco de, eventualmente, termos de militar em ligas inferiores.

Já tornou público que não é o maior defensor da criação de uma SAD. Como é que vai gerindo esta fase de auscultação das propostas?

Quando se começou a falar de ser a favor ou contra uma SAD, nós conhecíamos apenas e só aqueles modelos de SAD do 8 e do 80. E isso significava um clube com identidade ou um clube sem identidade. E sempre o disse, e repito, que nunca serei a favor – enquanto sócio do FC Paços de Ferreira, esteja na Direção ou no meu lugar, comodamente, de sócio – de uma sociedade onde o clube perca a sua identidade. O problema está em encontrar uma solução que permita manter essa identidade, mas que permita também tornar o clube competitivo e sustentável – porque é de sustentabilidade que nós estamos a falar. Nesse aspeto, eu acho que os princípios que foram estabelecidos na Assembleia são corretos. Embora ache que há alguns que são inegociáveis e há outros que podem ser negociados. E quando digo que podem ser negociados, é desde que tenham sempre como limite máximo a questão da identidade. Agora, eu também terei de refletir o que prefiro: um clube sem identidade e poder estar na Primeira Liga, ou um clube com identidade e poder estar na Segunda e a sonhar legitimamente em estar na Primeira? Eu preferia o segundo. Ou seja, que não se perca a identidade; onde haja uma parceria onde as hipóteses de sucesso sejam maiores. Sabemos que, de certa forma, quem entrar numa parceria tem de ter necessariamente uma voz ativa e poder de decisão também. E teremos de encontrar aqui equilíbrios de decisão em matérias tão fundamentais que não pode o Paços de Ferreira ser alienado dos seus princípios. Mas também tem de compreender que, se queremos uma parceria, terá de haver cedências de parte a parte. Se nós encontrarmos um dia este modelo e se esse modelo tiver sido já apresentado e se os sócios entenderem, poder-se-ão pronunciar futuramente sobre ele. O princípio da SAD, tal como ele era apresentado no início, é um modelo que não defendo. Mas não esqueçamos que uma sociedade desportiva que tenha um parceiro mesmo que minoritário não deixará de ser SAD. Portanto, deste modelo de SAD em que o Paços de Ferreira continue a ter a sua legitimidade e a sua identidade, eu sou hoje um defensor. Não porque tenha mudado de princípios,

mas também porque o futebol não é uma atividade estática. O futebol é uma atividade em plena evolução, e nós temos de nos adaptar àquilo que é a realidade, sob pena das consequências. Porque o futebol de hoje não é sequer igual àquilo que era há cinco anos – e eu estou à vontade para o dizer, porque a minha ligação ao clube tem 23 anos e conheço esta realidade e esta evolução. Não é fácil para mim defender esta adaptação, mas acho que é muito mais honesto fazê-lo do que manter uma posição politicamente correta só porque se acha que os sócios preferem ouvir que “o clube é nosso e há de ser”. Eu também quero que ele seja nosso e continue a ser – mas quero que seja nosso com a projeção que já teve, que tem e que não quero que perca.



Uma das preocupações levantadas pelos sócios tem a ver com o facto de o Paços poder perder a maioria do capital, se houver a entrada de um parceiro. Veem isso como inevitável. Acredita que é efetivamente possível não perder essa maioria?

Se tivesse a certeza de que esta revista seria lida apenas e só pelos sócios, diria aqui o que direi na próxima Assembleia. Não podendo dizer aqui, porque tenho esse sentido de responsabilidade, dir-vos-ei o seguinte: o que me preocupa não é tanto a percentagem do capital social que possa ser alienado. O que me preocupa muito mais é o contrato parassocial e aquilo que nós podemos estabelecer em termos de regras de coabitação e de gestão. Na minha opinião, não é tão importante ou tão decisiva a questão do capital social – percebo perfeitamente, mas pela minha formação como jurista tenho de o dizer. São muito mais importante as regras para uma eventual mudança das regras. Tudo tem a ver também com os objetivos do próprio clube na arrecadação da receita,



MCOUTINHO

porque aquilo que se pretende não é só a sustentabilidade da sociedade desportiva que gere o futebol profissional. A maior receita provém do futebol profissional, e depois, a partir daí, há a sustentabilidade de toda a formação e atividades que estão ligadas ao clube. Portanto, há que encontrar soluções que permitam que o próprio clube se mantenha nesta dicotomia entre a sociedade desportiva e aquilo que é enquanto instituição. Apelo a que todos os sócios, de forma serena, como tem sido apanágio do Paços, estejam na Assembleia Geral, façam perguntas sobre os temas e sejam esclarecidos. Tenham a certeza de uma coisa: esta Direção, com defeitos e virtudes, terá sempre a preocupação de esclarecer e de ajudar; nunca, em momento algum, terá como objetivo enganar os sócios.

“ESPERO QUE AS PESSOAS VÃO POR INTERESSE NAQUILO QUE SE VAI DISCUTIR E NÃO POR LHES TER SIDO CRIADO RECEIO OU MEDO DAQUILO QUE POSSA ACONTECER”

Acredito que na Assembleia Geral de 3 de abril se espere, mais uma vez, uma boa participação dos sócios. Como é que tem visto a presença deles em grande número nas últimas Assembleias?

Eu não diria só nas últimas; diria nos últimos anos. Não quero ser injusto com ninguém, mas quando fui eleito pela primeira vez em 2015, essa foi a primeira vez, pelo menos que eu tenha memória, em que os sócios votaram através do voto secreto. Porque, até lá, as votações eram feitas numa Assembleia Geral, sem controlo à porta de quem era sócio ou não, presumindo-se que todos eram sócios, e onde estavam basicamente presentes três ou quatro sócios além daqueles que eram candidatos à Direção. Felizmente, isto mudou. As pessoas perceberam que havia aqui o sentido de dar dignidade e legalidade a cada ato. E, portanto, desde há dez anos a esta parte, que me recorde, as Assembleias têm sido muito participadas. Essa Assembleia em outubro foi excecionalmente participada, mas se por um lado me deixou feliz ver tanta gente, por outro lado não posso esconder a mágoa – e tenho de ser honesto – de que acho que muitas dessas pessoas acabaram por ter expectativas que foram criadas de uma forma que não me pareceu a mais correta. Achavam que estaria em causa e em perigo o futuro do clube, porque esta Direção se preparava para mudar o modelo de gestão deste clube. Das duas uma: ou tem de ser má-fé, ou tem de ser desinformação, porque quem conhece os Estatutos e as regras do clube sabia que isso nunca podia acontecer. Espero que as pessoas vão por interesse naquilo

que se vai discutir e não por lhes ter sido criado receio ou medo daquilo que possa acontecer, porque, como eu disse há pouco, os sócios não podem ser ignorados.

As gerações mais novas também parecem mostrar-se cada vez mais interessadas na vida do clube. Isso traz-lhe boas garantias para o futuro?

Sim, acima de tudo porque acho que de há uns tempos a esta parte vê-se que os jovens deste concelho passam a ter como clube único o Paços de Ferreira. Isto é das coisas que mais me enche de orgulho. E devo dizer, em abono da verdade, que me parece que é um caminho que começou a ser trilhado não por direções dirigidas por mim, mas por direções anteriores – essencialmente, a anterior àquelas que eu encabecei. Acho que essa Direção começou a ter essa preocupação e a trilhar, efetivamente, um caminho – caminho esse que depois nós continuamos e que nos permite termos hoje muita juventude não só nas Assembleias, mas no estádio. Somos dos clubes com mais assistência, porque as pessoas sentem-se unidas à volta do clube, independentemente de estarem unidas ou não à volta da Direção. O que é importante é que estejam unidas à volta do clube. E acho também que tem havido – não só na juventude, mas nos sócios com mais idade, como eu – uma evolução de pensamento pela necessidade que temos de estar cada vez mais por dentro da vida do clube. Vou dizer algo que pode ser mal interpretado ou poderá parecer presunção, mas, tendo participado há mais de 20 anos na vida ativa do clube, nunca alguma Direção foi mais disponível para esclarecer ou mais transparente. Não estou a dizer que outras não foram, mas que nenhuma outra foi mais transparente, que nenhuma outra se colocou mais à disposição dos sócios, que nenhuma outra se colocou mais à disposição para esclarecer negócios. E vejo com muita tristeza pessoas que, nos cafés ou nas redes sociais, falam de temas como se fossem tabus, mas que já foram escarpelizados e perfeitamente esclarecidos em Assembleias Gerais. Isso só demonstra uma coisa, mais vez: ou má-fé ou desinformação. Quem quiser estar por dentro da vida ativa do clube, podendo inclusive nas AG criticar as opções que possam ter sido feitas, tem local próprio para o fazer. Enquanto presidente da Direção, nunca permitirei, naquilo que depender de mim, que haja um único sócio que saia de uma Assembleia sem ser esclarecido perante os elementos que eu tenha disponíveis.

Tendo em conta tudo o que foi falado, o que poderá ser o destino do clube ou não, as mudanças que ocorrem no futebol em tão pouco espaço de tempo, lanço a pergunta: o futuro do futebol assusta-o ou entusiasma-o?



FIXPAÇOS
fixing solutions

Assusta-me imenso. É algo que me faz pensar muito, daí este sentido de responsabilidade de pedir aos sócios que participem na vida ativa do clube e discutam estes temas. Tenho a noção, porque estou cá dentro e todos os dias tenho de tomar decisões – e muitas vezes não tenho soluções para os problemas que surgem no momento. Assusta-me imenso, porque os sócios têm de ter a perfeita consciência de que a sustentabilidade do clube ao nível do futebol profissional, no modelo de gestão atual, não é possível. E isto não é dizer algo para preparar os sócios para um cenário diferente. É apenas e só responder à questão. O FC Paços de Ferreira, com o seu modelo de gestão atual e com as formas de financiamento que tem, não é sustentável. E isto é muito importante que fique esclarecido: não tem mesmo nada a ver com uma boa ou má gestão. É que nenhuma empresa é sustentável quando a sua sustentabilidade resulta de receitas extraordinárias – pois essas receitas podem um dia não existir. E no dia em que não existirem, o clube pode correr o risco de desaparecer e de se tornar incumpridor. Enquanto tivermos organismos em Portugal que não se preocupem com a sustentabilidade do futebol e permitam que de toda a forma haja concorrência desleal, nós temos de ter a consciência de que o Paços de Ferreira não terá condições, porque entre as receitas e as despesas o défice mensal é enorme. E, portanto, não tem a ver com uma boa ou má gestão, tem a ver com o que é o resultado hoje. Hoje, o resultado é este: o FC Paços de Ferreira, na Segunda Liga, juntamente com o Belenenses, são os únicos clubes que não são uma empresa. É uma empresa certamente em termos de número de contribuinte, mas é uma empresa em que o único sócio é o próprio clube. E agora veja-se: o Paços de Ferreira ainda consegue estar a lutar pelo topo da tabela – não que permita uma subida de divisão, mas consegue estar lá em cima. Mas para quem não tinha a sustentabilidade que, apesar de tudo, o Paços de Ferreira tinha porque vinha da Primeira Liga... Veja-se o que acontece e as dificuldades com que se depara o Belenenses, um clube histórico em Portugal, por quem eu tenho uma enorme simpatia.

No início da temporada 2022/2023, na tal última entrevista que fez para a FCPF Magazine, falou precisamente dessa concorrência desleal, e de algumas medidas que considerava fundamental aplicar. Quase dois anos depois, tem verificado esforços no sentido de mitigar essas questões?

Não. Acho que o futebol tem perdido cada vez mais oportunidades pelo egoísmo dos agentes desportivos. Há factos que são positivos, como, por exemplo, o jogo online,

que permitem uma receita considerável para quem está numa Segunda Liga. Há medidas avulsas que eu considero muito positivas, mas o futebol em Portugal ainda não se preocupou com a sustentabilidade. No ano passado foi o FC Paços de Ferreira, mas este ano serão outras duas equipas a precisar desse apoio na Segunda Liga. E a dificuldade é enorme para quem desce e mantém contratos que obrigam o clube a reinventar-se para os manter. É importante, não criando desigualdades, que haja mecanismos de sustentabilidade. E aquilo que eu vejo no futebol em Portugal é muito mais a preocupação das inaugurações, do show-off, do que propriamente a vontade e a solidariedade que podia existir entre clubes de futebol profissional. Diria mesmo que na Primeira Liga há três ou quatro clubes que não são candidatos a descer, mas todos os outros são candidatos a descer todos os anos. E se nós tivermos a noção da solidariedade que temos de ter – não do clube A para com o clube B, mas da solidariedade que tem de haver entre o futebol – nós só seremos mais fortes se os outros forem competitivos. E se não conseguirmos isso, outros vão conseguir lá chegar, mas vão desaparecer também. Aquilo que eu vejo é que, infelizmente, passados estes anos todos, até podemos ter temas como a centralização dos direitos desportivos, mas se não houver regulamentação depois, as assimetrias vão manter-se e nada se vai resolver. Vai ser uma operação de cosmética que não vai ter efeitos práticos.

Para terminar – e já fora destas questões relacionadas com o mundo do futebol – esta é a edição 100 da FCPF Magazine. O que gostaria de dizer?

Em primeiro lugar, tenho de dar os parabéns a quem a criou. Recordo-me perfeitamente de o Rui Abreu, numa das eleições que fizemos, apresentar como objetivo a criação de um canal de comunicação que fosse uma revista. Quero dar os parabéns a quem teve essa iniciativa, e neste caso em concreto, ao departamento que tanto me orgulha neste clube, que é o departamento de Comunicação e Marketing. Esta é mais uma forma de comunicação e de levar o clube às pessoas. Aquilo que eu quero é que tenhamos a capacidade de poder manter esta forma de comunicação no futuro, e quero agradecer também a todos aqueles que vão colaborando connosco – onde se inclui quem produz a própria revista fisicamente e todos aqueles que têm contribuído para a sua sustentabilidade. Que esta revista signifique aquilo que qualquer instituição deve ter como princípio: transparência e proximidade, porque é isso que faz com que as pessoas acreditem no clube, independentemente de quem venha a ser a Direção no futuro.



FUTEBOL CLUBE DE

TEMPORADA 2023|2024



DA ESQUERDA PARA A DIREITA

EM CIMA: Paulo Neto, Marafona, Luis Bastos, João Vale, Erick Ferigra, Jójó, Welton Jr, Jeimes, Simão Rocha, Matchoi, Rui Fonte, Zé Pedro, Pedro Ganchas e Ricardo Neto.

NO MEIO: Paulo Gonçalves, Prof. Paulo Roriz, Gustavo Dunkel, Tiago, Pablo, Luis Monteiro, Vasco Silva, Filipe Moreira, Luis Gigante, Nuno Fonseca, Icaro, Afonso Rodrigues, Marcos Paulo, Dr. André Silva, João Bastos e Rui Dias.

EM BAIXO: Gorby, Zé Uilton, Aldair, Miguel Moreno, Costinha, Ricardo Silva, Dr. Paulo Meneses, Jaime Sousa, Brian Cipenga, João Araújo, Antunes e Luiz Carlos.

PAÇOS DE FERREIRA



AN TE VI SÃO



Após três vitórias consecutivas, o FC Paços de Ferreira não foi além do empate a uma bola na última jornada, diante do Académico de Viseu FC. A equipa, no entanto, aumentou para cinco o número de jogos sem perder, e espera dar continuidade à sequência – agora com um triunfo – esta tarde, frente à UD Oliveirense.

UD OLIVEIRENSE SAD

FUNDADO EM 25 DE OUTUBRO DE 1922 | ESTÁDIO CARLOS OSÓRIO 1750 LUGARES | PRESIDENTE: NOBUYUKI YAMAGATA | TREINADOR: RICARDO CHÉU

A fundação da União Desportiva Oliveirense acontece graças a um grupo de dissidentes do Sport Clube Oliveirense. Conta a história que, na época, foi ignorado o pedido de ajuda financeira feito por este mesmo grupo (constituído por atletas e outros elementos) ao clube – o que o motivou a convocar uma assembleia geral, na qual ficou decidido formar, então, a UD Oliveirense. “A casa é vossa, mas a rua é nossa. Viva a União Desportiva Oliveirense!”, ouviu-se. Assim se marcava também o início da rivalidade com o Sport Clube Oliveirense, que acabou por desaparecer anos mais tarde. Atualmente, a UD Oliveirense é o clube mais representativo do concelho de Oliveira de Azeméis, destacando-se, além do futebol, no hóquei em patins e no basquetebol.

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

9 JOGOS OFICIAIS



SABIAS QUE...

O jogo desta tarde é apenas o décimo entre FC Paços de Ferreira e UD Oliveirense. Os primeiros registos são da época 1974/1975, na II Divisão - Zona Norte, mas o jogo que prende a atenção logo à primeira vista corresponde à temporada 1982/1983. Nesse encontro, realizado a 22 de maio de 1983, também para a mesma prova, os Castores receberam o conjunto de Oliveira de Azeméis e venceram por uns expressivos 10-1! Na Mata Real, estas duas equipas só se encontram por três vezes, havendo uma vitória para cada lado e um empate – mas, se olharmos para o todo o histórico de resultados, os pacenses são quem sai por cima, com quatro vitórias, três empates e duas derrotas.



ÚLTIMO JOGO DA UD OLIVEIRENSE

Na 26ª jornada da Liga Portugal 2, a UD Oliveirense, a ocupar o lugar de acesso ao play-off de despromoção/manutenção, recebeu o segundo classificado AVS. A posição delicada na tabela trazia à equipa da casa uma certa urgência de pontuar, independentemente de o adversário ser um dos fortes candidatos à subida de divisão. O primeiro golo do encontro surgiu já em cima do intervalo, e foi, precisamente, da autoria da turma de Oliveira de Azeméis. Michel Lima deixou a Oliveirense em vantagem antes do intervalo, e essa mesma vantagem durou um bom período – até aos 86 minutos, mais precisamente. Nessa altura, Nenê converteu uma grande penalidade a favor do conjunto da Vila das Aves, levando o 1-1 até ao apito final. Este empate a uma bola acabou por ter um sabor agriçoso para os da casa, uma vez que estiveram na frente do marcador durante vários minutos, mas, feitas as contas no final da jornada, a equipa de Chéu acabou por não ver o CD Feirense – que está no lugar imediatamente acima – afastar-se, pois também empatou, mantendo a distância de um ponto.

3 ADVERSÁRIOS EM DESTAQUE



O extremo **ZÉ LEITE** tem sido uma das principais armas da Oliveirense com quatro golos apontados e quatro assistências para golo assinadas.



MICHEL LIMA foi um dos melhores jogadores da última época da Oliveirense. Saiu para o Sport Recife, mas regressou este mercado de inverno para ajudar a equipa de Oliveira de Azeméis.



O defesa central nigeriano **KELECHI JOHN** é o atleta mais utilizado pela Oliveirense esta temporada. Regressa hoje aos jogos após castigo (cinco amarelos) frente ao AVS.



PEDRO GANCHAS ELEITO O MELHOR JOVEM DE FEVEREIRO

Pedro Ganchas, defesa central do FC Paços de Ferreira, foi considerado o Melhor Jovem de fevereiro da Liga Portugal 2 – distinção obtida através de uma votação promovida pelo Sindicato dos Jogadores. O atleta liderou o top de votações, com 15,66% das preferências, seguido de Pedro Santos do SL Benfica B, com 10,58% dos votos, e Gonçalo Negrão da UD Oliveirense, com 9,99%.

Durante o mês de fevereiro, Pedro Ganchas foi titular em todos os jogos – diante de CD Tondela, CS Marítimo, Leixões SC e CD Feirense. Além disso, foi ainda o autor do golo pacense no empate a uma bola com os tondelenses. Este foi o seu segundo golo na presente temporada, depois de ter também marcado frente ao Académico de Viseu FC, em novembro de 2023.

Para se encontrar o Melhor Jovem da Liga Portugal 2, tem-se em conta o valor médio das pontuações dadas pelos diários desportivos A Bola e Record no período correspondente à votação (ponderação final de 60%); as escolhas de uma Comissão Técnica nomeada pelo Sindicato dos Jogadores, formada pelos ex-atletas Anselmo, João Paulo, José Carlos, Rebelo, Tiago Pereira e Tozé (ponderação final de 20%); e a votação online realizada em www.sjogadores.pt (ponderação final de 20%).

Os jogadores de nacionalidade portuguesa nascidos depois de 1 de janeiro de 2000 (inclusive) consideram-se elegíveis. Estão incluídos, portanto, todos os atletas que tenham no máximo 23 anos de idade no arranque da época desportiva 2023/2024 – como é o caso de Pedro Ganchas.

Em outubro/novembro, o prémio de Melhor Jovem da Liga Portugal 2 foi, igualmente, entregue na Mata Real. Matchoi Djaló foi o vencedor.



JÓJO CUMPRE A ESTREIA PELA SELEÇÃO DE CABO VERDE

Jójo integrou a mais recente convocatória de Cabo Verde. Esta foi a segunda chamada à seleção para o jovem lateral direito do FC Paços de Ferreira, tendo a primeira surgido em 2022, quando ainda estava ao serviço da B SAD. No entanto, nessa altura, o jovem defesa não se estreou com a camisola dos Tubarões Azuis, uma vez que não foi utilizado no jogo frente ao Barém.

A estreia surgiu, precisamente, no passado dia 25 de março. Diante da seleção da Guiné-Equatorial, Jójo foi titular na vitória por 1-0, cumprindo, assim, a sua primeira internacionalização. No dia 21, o atleta pacense foi suplente não utilizado no encontro com Guiana – que terminou também com um triunfo de Cabo Verde por uma bola a zero.

Estes dois jogos de carácter particular realizaram-se em Jeddah, na Arábia Saudita, e estão incluídos no novo projeto da FIFA, o FIFA Series, que tem como intuito colocar frente-a-frente seleções de diferentes continentes – que raramente têm oportunidade de se encontrar – nas janelas internacionais. Cabo Verde está na Série A com as já mencionadas Guiana e Guiné-Equatorial, além da seleção do Camboja.

De destacar que, pelo FC Paços de Ferreira, Jójo soma 15 jogos e dois golos na presente temporada.

FUTSAL: TODOS AO PAVILHÃO MUNICIPAL

O FC Paços de Ferreira recebe amanhã (30 de março) pelas 18 horas, no Pavilhão Municipal, o Albufeira Futsal Clube. Esta é a partida em atraso correspondente à jornada nove da Fase de Manutenção da II Divisão Nacional, que se realizou no último fim de semana. Com, então, menos um jogo, FC Paços de Ferreira e Albufeira FC são os dois últimos classificados, ocupando a sétima e a oitava posições, respetivamente. Em caso de vitória, os Castores podem subir ao quarto lugar – reforçando-se, assim, a importância deste encontro.

A nossa equipa espera por ti! Vamos encher o pavilhão!



ÉTICA NO DESPORTO PARA ATLETAS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Atletas e encarregados de educação reuniram-se em vésperas do Dia do Pai, a 18 de março, no auditório da Associação Empresarial de Paços de Ferreira. Juntos assistiram à formação subordinada ao tema "Ética no Desporto", ministrada pelo professor doutor José Neto – também embaixador nacional da Ética e Fair Play.

Cerca de 250 pessoas encheram a sala e debateram assuntos da atualidade do futebol, sempre tendo em conta os princípios e valores pelos quais todos se devem reger – como o respeito, a humildade ou a capacidade de trabalho. Nesta formação deu-se espaço à troca de experiências no mundo desportivo, destacando a resiliência e a motivação necessárias para a conquista do sucesso dos atletas.

Ao longo dos últimos anos, o Departamento de Formação do FC Paços de Ferreira já promoveu por várias vezes outras sessões focadas na ética no desporto, realçando a importância das mesmas na formação dos jovens não só como atletas, mas também a nível pessoal.



NOTA DE PESAR PELO FALECIMENTO DE JOAQUIM SILVA

Foi com profundo pesar que o Futebol Clube de Paços de Ferreira tomou conhecimento do falecimento de Joaquim Barbosa da Silva Júnior, carinhosamente conhecido entre os pacenses como Sr. Silva.

A sua ligação ao clube é extensa. Durante várias épocas, foi massagista na equipa principal e nas equipas de formação, destacando-se o seu contributo em prol da equipa principal de 1990/1991 – que conquistou o título de campeão da Divisão de Honra e que permitiu ao Paços subir pela primeira vez à Primeira Divisão. O Sr. Silva foi também o massagista dos primeiros anos do emblema pacense no topo do futebol nacional.

O falecimento de Joaquim Silva representa, assim, uma perda enorme para a família pacense. Aos seus familiares e amigos, o Futebol Clube de Paços de Ferreira endereça, novamente, as mais sentidas condolências, neste momento difícil.



SOLVERDE.PT

LADO A LADO DESDE A PRIMEIRA EDIÇÃO

Após a partilha e a escrita dos conteúdos, e antes da leitura dos mesmos por parte dos adeptos, a FCPF Magazine passa por um processo fundamental – a impressão. Para isto acontecer o FC Paços de Ferreira conta com o apoio da PaçoPrint desde o primeiro dia. A ligação entre o clube e a empresa de artes gráficas, contudo, vem de há muitos mais anos.

Sediada em Penamaior, freguesia de Paços de Ferreira, a PaçoPrint tem procurado acompanhar a evolução e os desafios do mercado ao longo de mais de duas décadas. O objetivo é claro: garantir o melhor serviço para os seus clientes. “A PaçoPrint teve o seu início no ano 2000, numas instalações alugadas mesmo no largo da Feira do Cô. Na altura, começamos com quatro funcionários. Em 2014, adquirimos um pavilhão também em Penamaior e mudamo-nos. É onde estamos atualmente – agora com 25 colaboradores”, conta Jorge Simões, diretor geral da empresa.

Com as mais recentes tecnologias ao seu dispor e um staff experiente e profissional, a PaçoPrint está preparada para dar resposta em diversas áreas. O leque de serviços disponíveis é vasto, mas é na tipografia moderna e encadernação que a empresa é altamente especializada. Aliás, a principal atividade da PaçoPrint centrou-se, desde sempre, no papel e nas artes gráficas, e só mais recentemente é que se abriram portas a novas áreas. A pandemia de COVID-19 foi a principal razão desta mudança: “As dificuldades do mercado e o facto de as empresas terem parado levaram-nos a abrir caminho para outros serviços que, até então, não faziam parte da nossa gama de ofertas”. É o caso da produção de embalagens. “As empresas começaram a comercializar mais ao nível da embalagem e nós apostamos nisso. Adquirimos o equipamento necessário e, hoje, é uma das nossas áreas mais fortes – desde a embalagem impressa à caixa em cartolina ou as caixas premium forradas em cartão duro”, explica Jorge Simões. A PaçoPrint oferece ainda serviços de publicidade, serviços comerciais e serviços no âmbito do têxtil (fardas e roupas de trabalho). “Tendo em conta a realidade que se vivia na época, com esta tomada de decisão foi-nos permitido manter os mesmos postos de trabalho, não havendo a necessidade de despedimentos”, confidencia.

A ligação da empresa com os seus funcionários e colaboradores é, garantidamente, um fator crucial para Jorge Simões: “À semelhança do Paços, a PaçoPrint é uma empresa familiar e procuramos que a nossa equipa esteja sempre integrada dentro desse contexto de família”. A colaboração com diversas instituições do concelho, além do FC Paços de Ferreira, contribui para estreitar laços e estabelecer relações de proximidade que se



A LIGAÇÃO DA PAÇOPRINT E O FC PAÇOS DE FERREIRA TEM JÁ VÁRIOS ANOS E EXTRAVAZA OS SERVIÇOS GRÁFICOS, TENDO A EMPRESA NA PESSOA DO SEU GERENTE OFERECIDO AO CLUBE O SIMBOLO DO CLUBE QUE ADORNA A TORRE DA BANCADA CENTRAL NORTE.



PaçoPrint

tornam frutíferas não só para os envolvidos, mas para toda a região.

PaçoPrint e FC Paços de Ferreira trabalham, precisamente, neste sentido e em proximidade desde 2010. Esta é já uma parceria duradoura e repleta de consequências positivas para ambos os lados. “Quando começamos a colaborar com o Paços de Ferreira, tínhamos como objetivos ajudar o clube a crescer, dentro daquilo que nos fosse possível, e trazer até nós mais visibilidade para que pudessemos expandir a nossa empresa. Afinal, o Paços é a principal montra para as empresas da nossa região, permitindo-as chegar mais longe – não só no país, como no mundo. Felizmente, pelo nosso crescimento, tem-nos sido possível colaborar cada vez mais, e esta relação tem sido muito importante”, acrescenta. O diretor geral da PaçoPrint recorda, a título de exemplo, as chamadas que por vezes recebe de clientes de outras regiões do país, que destacam a presença da empresa junto do FC Paços de Ferreira: “Alguns ligam-me quando estão a ver jogos com o Paços na televisão, ou quando vão à Mata Real, para me dizerem que viram o nosso nome no estádio. Para nós, também é muito importante que nos associem à colaboração com outras instituições”.

E se o FC Paços de Ferreira contribui para a projeção da imagem da PaçoPrint, a PaçoPrint contribui com o apoio a projetos do FC Paços de Ferreira – como se verifica com a FCPF Magazine. Desde o primeiro dia, a empresa de artes gráficas colabora a cem por cento com a impressão das edições da revista pacense, apresentando-se como a principal responsável pela sua distribuição. “Desde 2018 que damos o nosso apoio total à FCPF Magazine. Primeiro, porque consideramos que é um trabalho muito importante feito pelo clube para divulgar as suas atividades e manter as pessoas atualizadas sobre a vida ativa do FC Paços de Ferreira. Segundo, porque permite que tenhamos um bom alcance, e a nós também nos interessa muito o mercado local”. A simbiose perfeita.

Adepto do FC Paços de Ferreira e conhecedor da realidade empresarial da região, Jorge Simões reconhece o papel determinante que cada um pode ter no apoio ao clube: “Apelo às empresas e aos pacenses que não baixem os braços na colaboração com o Paços e ajudem o Paços, dentro das suas possibilidades. Penso que todos o deveriam fazer, pois temos de ter um Paços forte para regressar à Primeira Liga, ao expoente máximo do futebol português”.

QUE SERVIÇOS OFERECE A PAÇOPRINT?

Tipografia

Offset, Serigrafia, Estamparia, Tampografia, Termo-Estampagem e Verniz UV

Impressão Digital

Calendários, Convites, Revistas, Desdobráveis, Etiquetas, Catálogos, Cartões Comerciais e Flyers

Serviços Comerciais

Carimbos, Encadernações, Autocolantes e Linha Comercial

Design

Criação, Identidade Corporativa, Logótipos e Imagem

Brindes Publicitários

Eferográficas, Isqueiros, Pens, Porta-chaves, t-Shirts, Polos, Sweats, Equipamentos, Fardas de Trabalho, Pulseiras, Bolas e Sacos de Papel

Publicidade

Reclamos, Sinaléticas, Montras e Viaturas

CONTACTOS

Morada: Rua Presa da Ribeira 88, 4595-348, Penamaior - Paços de Ferreira

Telefone: 255 866 745

E-mail: geral@pacoprint.pt

Site: pacoprint.pt



CENTÉSIMA EDIÇÃO

FCPF MAGAZINE

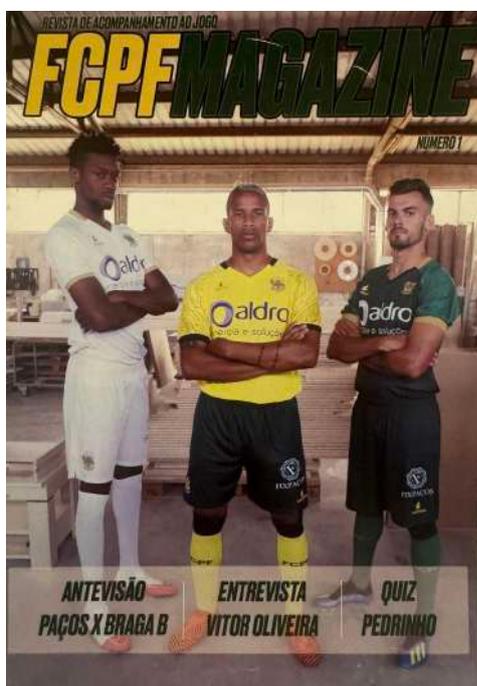
Cem edições depois, a FCPF Magazine continua a chegar a todos vocês nas mesmas condições em que foi disponibilizada pela primeira vez em 2018: grátis, em dia de jogo em casa e com conteúdos 100% relacionados com o nosso clube. Mais do que um meio de comunicação a pequena revista é hoje, também, um objecto colecionável e um excelente repositório da história recente, e menos recente, do nosso clube. Aproveitando a edição número 100, recordamos a evolução da revista até aos dias de hoje.

COMO TUDO COMEÇOU

A 12 de agosto de 2018, o FC Paços de Ferreira disponibilizava aos seus sócios e adeptos a primeira revista de acompanhamento ao jogo do clube. A edição 1 da FCPF Magazine foi apresentada no encontro da primeira jornada da Segunda Liga 2018/2019, frente ao SC Braga B. O saudoso mister Vítor Oliveira foi o primeiro entrevistado.

Neste primeiro ano, a FCPF Magazine tinha apenas 12 páginas e, além de dar destaque à atualidade pacense, procurou também desde logo recuperar histórias da história do clube, destacando-se as conversas com Adalberto e Ludovino Rola.

Entre entrevistas, reportagens e notícias, a FCPF Magazine guardava ainda a rubrica 'Pensa Rápido' – na qual os participantes escolhiam aleatoriamente sete de cem questões sobre os mais diversos temas. A rubrica teve continuidade nas três temporadas seguintes.



MUDANÇA DE IMAGEM

A temporada 2019/2020 foi de grandes alterações. A revista apresentou-se com um novo design – tanto no exterior como no interior – e passou de 12 para 16 páginas, oferecendo conteúdos mais completos e diversificados.

A partir de junho de 2020, apesar da pandemia de COVID-19 e do fecho ao público dos estádios, a FCPF Magazine continuou a estar disponível nos dias de jogo do FC Paços de Ferreira enquanto clube visitado, mas apenas em formato digital.



MANTER A PROXIMIDADE COM OS ADEPTOS

A FCPF Magazine manteve-se só no digital durante toda a temporada 2020/2021, uma vez que os jogos continuaram a ser realizados à porta fechada. No entanto, e uma vez que os adeptos não podiam estar presentes na Mata Real, a FCPF Magazine procurou estreitar ligações e “foi ter com eles”. O espaço 'Vox Pop: A opinião dos

adeptos' servia para recolher opiniões acerca da atualidade do clube, através do contacto telefónico com sócios pacenses.

Nesta temporada, surgiram também as rubricas 'Diário Técnico', escrita pelas equipas técnicas do futebol profissional e do futebol de formação com conteúdos essencialmente sobre treino ou jogo; 'Vozes FCPF', com a opinião de atletas, treinadores e staff do clube; e 'Paços na História' – que se mantém até hoje –, na qual se partilham memórias de ex-jogadores do FC Paços de Ferreira.

UMA EDIÇÃO ESPECIAL E O REGRESSO AO PAPEL

Na época 2021/2022, houve uma edição que não foi lançada num dia de jogo do campeonato na Mata Real – como é norma. A edição 53 da FCPF Magazine foi disponibilizada em formato digital no histórico encontro com o Tottenham, a contar para o play-off da UEFA Europa Conference League, no dia 18 de agosto de 2021.

A partir da edição 56, a FCPF Magazine voltou a ser impressa e passou de 16 para 20 páginas – tal como atualmente. A rubrica 'Dos grandes sou do Paços' surgiu também nesta altura, com os sócios a contarem as suas histórias de dedicação ao clube.



HÁ SEMPRE MUITO PARA CONTAR

Com o regresso definitivo ao papel, a FCPF Magazine continua a ter como grande objetivo colocar todos os sócios a par da atualidade do clube, nomeadamente aqueles que possam não ter uma presença tão ativa no mundo digital. Este é um meio pensado para chegar a todos, com as entrevistas, as reportagens e as notícias que mais importam.

A cada temporada, procura-se trazer também algo novo. Em 2022/2023, surgiu a 'Foto com História', recuperando registos de momentos especiais para o FC Paços de Ferreira. Na presente época, apresentamos também um novo espaço, 'Aos olhos da imprensa', onde viajamos pelos arquivos dos jornais da região para recordar o que em tempos se escreveu sobre o emblema pacense. E é certo que não ficaremos por aqui.

TODAS AS EDIÇÕES BREVEMENTE EM FCPF.PT

Se acederes ao site oficial do Futebol Clube de Paços de Ferreira - www.fcpf.pt - irás encontrar uma página dedicada à FCPF Magazine onde podes consultar digitalmente as várias edições da revista. Actualmente já podes consultar as últimas 30 edições, mas brevemente conseguirás consultar todas as revistas já editadas.

À ATENÇÃO DOS COLECIONADORES

Se gostas de colecionar a FCPF Magazine e te falta alguma edição, fala connosco. Ainda possuímos alguns exemplares de edições que não esgotaram e talvez possamos ajudar-te a completar a tua coleção. Para tal basta enviáres um email para o nosso departamento - marketing@fcpf.pt - com a indicação da edição que te falta.

Relembramos que, devido à Covid-19, as revistas da edição 31 à 55, não foram impressas tendo sido disponibilizadas apenas no formato digital.

ADORAMOS SUGESTÕES

Sentes que falta algo à nossa revista? Gostavas de ver outros conteúdos ou rubricas explorados? Tens uma história para partilhar com os restantes pacenses? Gostavas de colaborar com a revista? Contacta-nos!

A FCPF Magazine é feita a pensar em ti que gostas do Paços e, por isso, estamos abertos às tuas sugestões para a tornar mais completa e rica para todos os pacenses.

A IMPORTÂNCIA DOS PATROCINADORES

Produzir e distribuir uma revista de forma gratuita tem os seus custos, e só é possível graças às dezenas de empresas que ao longo dos anos têm colaborado com o FC Paços de Ferreira. A todos o nosso muito obrigado.

E tu, que geres uma empresa, por que não associa-la à nossa revista? Além de promover a tua organização/produto, estarás a contribuir para que os nossos adeptos possam continuar a ter acesso às histórias e informações exclusivas que por aqui lhes vamos contando.

Podes patrocinar a revista toda a temporada ou apenas num jogo. Fala com a nossa equipa de marketing e fica a conhecer o investimento necessário para tal.

INTERESTORE



À exceção natural desta entrevista, todas as histórias que a FCPF Magazine te trouxe foram contadas pelas palavras da Sara Alves. Com formação académica na área das Ciências da Comunicação, Sara entrou no clube como estagiária e hoje é a responsável por muitos dos conteúdos escritos do nosso clube. Dizem que os jornalistas não devem ser notícia, mas o assinalar de 100 edições é justificação mais do que válida para recolher a sua opinião sobre o trabalho realizado ao longo destas seis temporadas.

Para começar, como é que se deu a tua entrada neste projeto, a FCPF Magazine?

Aconteceu em 2018, quando estava a tirar o mestrado em Jornalismo. Precisava de realizar um estágio, para depois desenvolver a minha dissertação, e pensei logo no Paços, pois era o meu clube, eu acompanhava o que se ia fazendo, e achava que poderia dar o meu contributo na área da comunicação. Enviei, então, o currículo e, posteriormente, fui chamada para uma reunião e foi-me apresentada a possibilidade de pegar num projeto desejado pela Direção há algum tempo, que passaria pela criação de uma revista de acompanhamento ao jogo, semelhante àquilo que se faz em Inglaterra, por exemplo. Achei a ideia ótima, porque estava de certa forma ligada à minha componente académica e iria permitir-me desenvolver um projeto que fosse a base da minha dissertação, então ficou logo tudo acertado e começou assim.

Ainda te lembras da primeira edição?

Totalmente. Até porque a primeira entrevista foi com o mister Vítor Oliveira, e foi a minha primeira entrevista com alguém que era reconhecido por tanta gente. Toda a gente conhece o Vítor Oliveira, toda a gente sabe o profissional que ele era e o quanto era – e continua a ser – importante no futebol. Então confesso que, para primeiro contacto, estava um pouco “Será que vou fazer boa figura?”, “Será que isto vai correr bem?”. Mas correu muito bem, sim, porque o mister deixava qualquer pessoa à-vontade. Além disso, lembro-me que saí a antevisão ao Braga B, que era o adversário na altura, e lembro-me que havia também a rubrica ‘Pensa Rápido’, que foi feita com o Pedrinho. Ou seja, começamos logo

com duas figuras muito importantes para o plantel e para o clube.

Depois dessa, seguiram-se mais 98 edições – e com esta 99. Quais têm sido os principais desafios que tens encontrado, e o que é que te dá mais gosto neste trabalho?

O maior desafio é procurar ter sempre conteúdos de interesse para quem lê a revista. Está em tentar criar coisas novas, pelo menos de temporada para temporada, para haver um “efeito-novidade”; para que os adeptos, quando vão pegar numa revista, não pensem que é mais do mesmo e que não há variedade. Diria que o maior desafio é esse e é tentar incluir todo o universo Paços, todas as modalidades, todos os funcionários... Apesar de esta ser uma revista de acompanhamento ao jogo, não queremos focar-nos só no futebol profissional, mas sim dar atenção a tudo o que faz parte do clube. Já o que me dá mais gosto de fazer acho que é mesmo falar com as pessoas; conhecê-las e fazer com que se deem a conhecer aos adeptos. Há as que não se sentem tão à-vontade no início de uma conversa e ficam mais retraídas, e é interessante como depois acabam por falar sobre momentos das suas vidas e das suas carreiras que eram desconhecidos. É bom conhecer esse outro lado das pessoas, essas experiências que tiveram, e transmitir aos adeptos que leem a nossa revista. E outra coisa que gosto muito é de tudo isto também permitir perceber a evolução do clube ao longo dos tempos, através de outras perspetivas.

Tu és a responsável por muitos dos conteúdos escritos do clube. Vindo tu de uma vertente mais “jornalística”, com o que é que te

sententes mais à vontade? Com a escrita de conteúdos para a revista e para o site, ou com a gestão de redes sociais e criação de copy, que é também parte do teu trabalho?

É uma boa pergunta. Onde me sinto mais confortável, mas por ter mais espaço para explorar, é na criação da revista e de conteúdos para o site. Porque gosto realmente de escrever, explorar acontecimentos e contar histórias, digamos assim. Mas escrever para as redes sociais é algo que me agrada muito também, porque obriga-me a coisas que na escrita do outro tipo de conteúdos não se aplica tanto – a questão do dizer tudo em menos palavras ou de adequar a mensagem que queremos transmitir a cada rede social. Para as redes sociais há uma maior liberdade na forma como se escreve. Portanto são coisas muito diferentes e gosto de ter a oportunidade de ir alternando entre uma e outra.

Tens noção do impacto do teu trabalho nos adeptos e nos sócios? Trazeres histórias de atletas e não só que não se encontram em mais lado nenhum, trazeres coisas muito específicas do Paços que não se encontram em mais lado nenhum, nem mesmo dentro do clube... Achas que é algo que os adeptos valorizam?

Tenho noção de que é algo que possam considerar importante, na medida em que, como disseste, passamos muita informação que os adeptos não vão encontrar – ou dificilmente vão encontrar – noutro lado. Sei que os adeptos também vão procurando a revista. Lembro-me de em alguns jogos termos disponibilizado as revistas nas entradas das bancadas, e recebermos mensagens com “Então, mas hoje não houve revista?”, porque, quando entraram, já tinham sido todas levadas. Ou seja, faz-me acreditar que os adeptos, efetivamente, se interessam pela revista e veem nela um importante meio de comunicação do clube. No início, chegamos a fazer uma avaliação ao trabalho que estava a ser feito na revista e o feedback foi muito positivo, pois pareceu-me estar a ser bem aceite pelos adeptos. Aproveito até para reforçar aqui que – apesar de ainda não termos repetido uma análise do género – estamos sempre abertos a sugestões. Portanto, se os adeptos quiserem ver outro tipo de conteúdo, podem sempre usar as nossas redes sociais para nos contactarem.

Uma das dificuldades que temos aqui no Paços é o facto de não termos um acervo histórico muito grande. Não temos informação catalogada e os registos históricos são muito poucos – à exceção da compilação que o Paulo Gonçalves fez no livro dele. Isso, obviamente, em alguns momentos tem-te obrigado a transformares-te num “rato de biblioteca”, para consultares mais informação. Sentes que a revista pode ser também importante na construção de um acervo histórico do que tem acontecido desde 2018 até agora, mas também na recuperação de acontecimentos que estavam um pouco esquecidos? É algo que fazes em algumas rubricas, como o ‘Paços na História’, ou quando recuperas efemérides.

Sim, e, principalmente nesta temporada, temos apostado muito em explorar o arquivo de jornais da região para saber o que é que se escrevia sobre o Paços noutras décadas. No fundo, é mesmo isso, não queremos que a revista sirva apenas para contar a história do Paços desde 2018 até agora, mas também para recordar aquilo que foi o crescimento do Paços e o que desperta alguma curiosidade. O livro do Paulo é muito útil, porque, como não há esse acervo histórico, permitiu-me desde o início ficar mais por dentro da história do clube –

principalmente a história relativa às primeiras décadas, altura da qual eu não tinha um grande conhecimento. E é a partir daí que vamos explorando mais, através dos jornais, por exemplo, e criando os nossos conteúdos. Também o nosso museu guarda várias peças que até já fomos apresentando em algumas edições e que são do interesse dos adeptos, para conhecerem um pouco mais daquilo que foi e é o Paços. Mas esse é um ponto engraçado, porque já recebemos mensagens de pessoas que colecionam a revista, mas têm em falta uma ou outra edição e perguntam-nos se as temos disponíveis. Veem na FCPF Magazine um “contador” da história do clube, e querem ter a oportunidade de a terem guardada para, possivelmente, daqui a uns anos pegarem nela e recordarem o que aqui se passou.

Numa era em que tudo é digital e em que as pessoas já não consomem tanto estes conteúdos offline, como vês o futuro da revista e como é que gostavas que ela evoluísse?

É um facto que o consumo de jornais e revistas no papel não é o que era – e não precisamos de recuar tantos anos assim. No entanto, ainda considero o consumo em papel bastante importante, até mesmo aqui no Paços, pois o clube tem uma boa percentagem de sócios mais velhos, cuja presença no digital é reduzida ou nula. Então, é fundamental ter este formato em papel para que também eles se sintam mais próximos do clube, sem a preocupação de “Vai tudo parar às redes sociais e nós não vemos nada. Nem sabíamos que isto tinha acontecido”. Portanto, acredito que, num futuro próximo, a revista em papel continuará a ser imprescindível. Mas não só por isto – confesso que tudo o que seja leitura de livros, jornais ou revistas prefiro fazer no papel e não através de ecrãs. Já passamos tanto tempo nos computadores e nos telemóveis em contexto de trabalho, por exemplo, que a leitura desse tipo de conteúdos através deles nem me sabe ao mesmo, digamos assim. É importante continuar a ter a revista no papel, para chegarmos a todo o público do Paços. Mas é certo que a aposta no formato digital é igualmente essencial, até porque é essa a forma que nos permitirá ter mais alcance e chegar a outros públicos – e, conseqüentemente, atrair possíveis marcas que queiram ter publicidade na FCPF Magazine. A revista começou com 12 páginas, agora está com 20 e espero que continue a crescer, que traga mais benefícios para o clube e até que que mais pessoas, até de outras áreas ligadas ao desporto, possam contribuir para a produção de outro tipo de conteúdos.



BEHS®

criação de sites & lojas online